

O desafio da implementação de uma pedagogia da variação linguística no ensino de língua materna: uma entrevista com Carlos Alberto Faraco

Por Carolina Knack¹



Créditos: Foto do arquivo ACS (UFPR).

Carlos Alberto Faraco

Professor Titular (aposentado) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Faraco é autor de inúmeras obras consagradas no campo dos estudos da linguagem, as quais abarcam desde pesquisas de caráter acadêmico-científico até livros didáticos voltados ao ensino de produção textual. Com experiência na área de Linguística, especialmente em Linguística Aplicada, o pesquisador dedica-se a temas relacionados aos estudos de Bakhtin, ao discurso, ao dialogismo, ao ensino de português e Linguística e à história do pensamento linguístico.

Os desafios do ensino de língua materna em nossos dias têm sido problematizados em diferentes contextos de interlocução, sobretudo em eventos acadêmicos em nosso país, como o *6º Seminário Nacional de Linguística e Ensino de Língua Portuguesa* (SENALLP), promovido pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Linguística e Ensino de Língua Portuguesa (PGLING) em parceria com o Instituto de Letras e Artes (ILA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e realizado no período de 29 a 31 de maio de 2017, na própria Universidade, na cidade de Rio Grande (RS). “Linguagens, práticas sociais e ensino: desafios da contemporaneidade” foi o enfoque desta 6ª edição do Seminário.

Segundo a coordenadora geral do evento, professora Dra. Kelli da Rosa Ribeiro (ILA/FURG), “Por meio da temática proposta, buscou-se incentivar discussões sobre o ensino de língua que considerassem as diferentes práticas sociais e que articulassem o sujeito e sua linguagem.” Foi justamente a diversidade das práticas sociais languageiras que, na avaliação da professora, marcou esta edição do SENALLP: “observou-se o olhar para o sujeito, sua história e sua linguagem, para o texto e seus mecanismos de produção, para a Língua Brasileira de Sinais, para as línguas estrangeiras em relação com a língua portuguesa, para a

¹ Carolina Knack é Professora Adjunta do Instituto de Letras e Artes (ILA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutora e Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

literatura e seu ensino, para a leitura e seus processos, enfim, houve o encontro de diferentes olhares teóricos e metodológicos para a linguagem materializada em variadas práticas sociais.”

Nesse contexto de múltiplos pontos de vista sobre a linguagem e as línguas e seus consequentes desdobramentos para o campo do ensino, insere-se a participação do professor Carlos Alberto Faraco. De acordo com Kelli Ribeiro, a relevante produção intelectual do pesquisador relacionada ao tema *linguagens e práticas sociais* conduziu ao convite para sua participação no evento, cuja proposta aliava tal temática ao ensino de língua.

Linguista, professor de Português há quase cinquenta anos, tendo atuado em praticamente todos os níveis de ensino, Faraco proferiu a conferência de encerramento do 6º SENALLP. Nessa ocasião, discorreu sobre alguns dos desafios que a contemporaneidade traz aos professores de língua, aprofundando os princípios que expôs nesta entrevista, realizada pouco antes de sua fala no evento.

Carolina Knack (CK) – *Recentemente, o senhor organizou com a professora Dra. Ana Maria Stahl Zilles, pesquisadora e docente da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), a obra “Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino” (Parábola Editorial, 2015). Na introdução a esse livro, vocês afirmam que é preciso desenvolver uma “pedagogia que integre o domínio das variedades [linguísticas] ao domínio das práticas socioculturais de leitura, escrita e fala no espaço público.” (2015, p. 9). Em seu entendimento, esse pode ser considerado um desafio do ensino de língua materna na contemporaneidade?*

Carlos Alberto Faraco – Integrar a variação linguística como tema do ensino é, sem dúvida, um dos desafios postos a nós pela contemporaneidade. Nosso tempo redescobriu a diversidade humana; e redescobriu positivamente, ou seja, percebeu que o diferente é, no fundo, igual; nosso tempo horizontalizou as diferenças, sejam elas étnicas, de gênero e de cultura de um modo geral. No entanto, essa horizontalização não tem acontecido sem desacordos e conflitos. Duas grandes vozes sociais se chocam nesse nosso tempo: a que insiste nas verticalizações e a que defende a horizontalização.

Se há desacordo e conflito em todas as esferas socioculturais, é, certamente, na apreciação da diversidade linguística, que está ainda muito forte e arraigada, a voz da verticalização. Há, portanto, qualquer coisa na língua que a distingue de outros fenômenos sociais; qualquer coisa que mexe fundo com as pessoas e motiva reações de irracionalismo diante dos resultados do fazer científico e das tendências da contemporaneidade.

E isso tem efeitos diretos sobre a vida social, porque a violência simbólica que se pratica tendo a língua como motivo é ainda socialmente imperceptível; é considerada natural,

é aprovada, é estimulada e reforçada seja nas relações do cotidiano, seja nos ambientes de trabalho, seja na mídia, seja na escola.

A tarefa da escola é contribuir para reverter esse quadro. Uma pedagogia da variação linguística tem, portanto, entre seus objetivos, garantir que os alunos percebam e entendam a variação linguística; em consequência, sejam capazes de superar criticamente os imaginários da língua única, da língua certa, da língua pura, da língua homogênea; e abandonem, também criticamente, todos os gestos de discriminação e violência simbólica.

Por outro lado, sem entender o quadro amplo da variação linguística, é notoriamente difícil compreender o sentido sociocultural das normas de referência para a língua falada e escrita e adquirir os recursos para dominar essas normas de referência.

CK - Que caminhos os professores e os estudantes de Letras, futuros docentes, podem trilhar para construir uma aula de língua que contemple esses princípios que o senhor refere?

Carlos Alberto Faraco – A implementação de uma pedagogia da variação linguística não é tarefa fácil. Primeiro, os professores de português (e os alunos de Letras) precisam superar criticamente o senso comum que demoniza a variação sociolinguística. Depois, precisamos, em conjunto, buscar coletar material concreto que sirva de base para trabalharmos a variação linguística na escola. Há ainda pouco material disponível e adequado didaticamente. Por fim, permanece o desafio de criarmos práticas didático-pedagógicas adequadas que não simplesmente reforcem a folclorização da variação e os estereótipos do senso comum.

Entrevista realizada em 31 maio de 2017.